



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**ANA KAROLINA SALDANHA SILVA**

**A ANÁLISE NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO JORNAL O POVO PÓS-  
REFORMA GRÁFICO-EDITORIAL DE 2018**

**FORTALEZA**

**2019**

ANA KAROLINA SALDANHA SILVA

A ANÁLISE NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO JORNAL O POVO PÓS-REFORMA  
GRÁFICO-EDITORIAL DE 2018

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S578a Silva, Ana Karolina Saldanha.  
A análise na produção jornalística do jornal O Povo pós-reforma gráfico-editorial de 2018 / Ana Karolina Saldanha Silva. – 2019.  
52 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2019.  
Orientação: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho.
1. Jornalismo. 2. Análise. 3. Transformações. I. Título.

CDD 070.4

---

ANA KAROLINA SALDANHA SILVA

A ANÁLISE NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO JORNAL O POVO PÓS-REFORMA  
GRÁFICO-EDITORIAL DE 2018

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Ana Naddaf

Grupo de Comunicação O Povo

À Sabedoria Eterna encarnada, meu tudo, meu amor, o divino Menino Jesus.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Bom Deus e à Santíssima Virgem, minhas maiores sustentações em todos os momentos.

Aos meus pais, Jean e Adriana, pelo apoio, paciência e eterna amizade nesse período de graduação e em toda a vida.

Ao meu orientador Edgard Patrício pelo cuidado nesta orientação e em tantas outras. Grata pela sua sensibilidade e cordialidade com a gente no PIBIC e nos corredores da universidade.

Gratidão dupla à Ana Naddaf, pela entrevista importante para pesquisa junto ao Erick Guimarães (agradecida também!) e pelo aceite para participar da banca. Ao prof. Rafael Rodrigues, também examinador e colega de grupo de pesquisa.

À Marília e Ismia, minhas colegas nas pesquisas, que me ouviram e auxiliaram nesse processo de escrita de monografia.

Aos estimados professores que marcaram minha graduação na UNI7 e na UFC com maneiras especiais de ensinar, cuidar e criar laços: Ana Márcia Diógenes, Miguel Macedo, Dilson Alexandre, Fernando Nobre Cavalcante, Magela Lima, Vânia Tajra, Kátia Patrocínio, Ricardo Jorge, Maria Érica de Oliveira e Cida de Sousa.

A todo mundo do PráxisJor, grupo que fortaleceu muito esses primeiros passos na vida de pesquisadora.

E que não falte amor na vida de cada um que tenha passado por mim nesses quase cinco anos. Amigos, professores, servidores, colegas: saibam que só por Amor e para o Amor vale a pena viver e dar a vida.

## RESUMO

As transformações no consumo da informação e nas práticas produtivas do jornalismo provocaram um fluxo de mudança nos veículos, sobretudo, impressos. Com a velocidade de circulação da notícia nos meios digitais e suas implicações, muitos jornais buscaram um novo posicionamento de mercado através de segmentações, design editorial e até o fortalecimento de certos gêneros e formatos. Nesse cenário, o jornal cearense O Povo lançou seu mais recente projeto gráfico-editorial, ao completar 90 anos de fundação, em janeiro de 2018. Dentre os elementos apresentados como suportes da produção jornalística nesse período, evidenciamos o ponto ‘análise’ a fim de explorar suas características e relações com as mudanças dos jornais. Partimos da questão de pesquisa “*O que configura o ponto de ‘análise’ do ‘pentágono da notícia’ proposto pelo O Povo e como ele se apresenta nos textos de reportagem do jornal impresso pós-reforma gráfico-editorial de 2018?*”. Para isso realizamos uma análise de conteúdo em reportagens dos períodos antes, durante e depois da reformulação, explorando os seguintes indicadores: certificação; explicação; contexto; dados estatísticos; prognóstico; pontos de vista; linguagem e explicitação. Dessa maneira, usamos conceitos de autores que trabalham o teor analítico e interpretativo no jornalismo, como Soontjens (2018), Gersamia (2012), Salgado e Strömbäck (2011), Seixas (2009), entre outros. Constatamos que as variáveis de explicação, contextualização e previsões apresentam permanência nos três períodos indicados, mesmo com o aumento do número de reportagens após a reformulação. A certificação foi uma ausência nas reportagens analisadas, por falta da manifestação da verificação da verdade e separação de fatos verdadeiros ou falsos. Fora a certificação, a diversidade de pontos de vista e a utilização de dados estatísticos foram os indicadores de menor frequência em relação aos demais elementos. Pontuamos que há uma necessidade, considerando o crescimento do jornalismo interpretativo nos últimos anos, da interpretação e das ponderações diante da grande quantidade de dados produzida e disseminada na atualidade. Além disso, perspectivas e construções dialógicas no texto jornalístico são ferramentas de favorecimento à análise autônoma do leitor, à produção de conhecimento e ao fortalecimento da pluralidade e democracia nos meios de comunicação.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Análise. Transformações.

## ABSTRACT

The changes in news consumption and in productive routines of journalism caused a flow of modifications largely at newspapers. Among the quickness of news circulation in digital media and its implications, many vehicles are seeking a new marketing position via segmentation, editorial design and the enhancement of certain genres and formats. In this scenario, the Cearense newspaper O Povo launched its latest graphic and editorial project upon completing 90 years of foundation in January 2018. We start from the research question *"What constitutes the element of 'analysis' of the 'news pentagon' proposed by O Povo and how does it present itself in news reporting after the graphic and editorial reformulation of 2018?"*. Therefore we conducted a content analysis in reports of the periods before, during and after the reformulation, exploring the following indicators: certification; explanation; context; statistic data; prognosis; viewpoints; language and explicitation. Thus, we use concepts from authors who work on analytical and interpretive content in journalism, such as Soontjens (2018), Gersamia (2012), Salgado and Strömbäck (2011), Seixas (2009), among others. We found that the explanation, contextualization and prognosis variables remain in the three indicated periods, even with the increase in the number of reports after the reformulation. Certification had an absence in the analyzed reports, due to the lack of manifestation of truth verification and separation of true or false facts. Apart from certification, the diversity of points of view and the use of statistical data were the least frequent indicators in relation to the other elements. We point out that there is a need, considering the growth of interpretive journalism in recent years, of interpretation and consideration given the large amount of data produced and disseminated today. Moreover, perspectives and dialogic constructions in the journalistic text are tools that favor the autonomous analysis of the reader, the production of knowledge and the strengthening of plurality and democracy in the media.

**Keywords:** Journalism. Analysis. Changes.



## LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 — Palavra-chave: “Mudanças estruturais + jornalismo” .....	17
Quadro 2 — Palavras-chave: “jornalismo analítico” / “analytical journalism” .....	20
Quadro 3 — Palavra-chave: “jornalismo interpretativo” .....	21
Quadro 4 — Indicadores de análise segundo os entrevistados.....	38
Quadro 5 — Indicadores de análise segundo referencial teórico.....	38
Quadro 6 — Divisão da amostragem.....	40
Quadro 7 — Indicadores por reportagem p. 41.....	41
Gráfico 1 — Quantidade de indicadores na reportagem da semana.....	43
Tabela 1 — Frequência por período p. 46.....	46

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1</b>	<b>MUDANÇAS NO JORNALISMO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO: UM PONTO DE PARTIDA.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1</b>	<b>Palavra-chave: “Mudanças estruturais + jornalismo”.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2</b>	<b>Palavras-chave: “jornalismo analítico” / “analytical journalism”.....</b>	<b>19</b>
<b>1.3</b>	<b>Palavra-chave: “jornalismo interpretativo”.....</b>	<b>21</b>
<b>1.4</b>	<b>Estabelecendo relações: Mudanças estruturais e jornalismo analítico.....</b>	<b>22</b>
<b>2</b>	<b>O JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES TEXTUAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1</b>	<b>Jornalismo, crises e paradigmas .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2</b>	<b>Análise e interpretação: fronteiras borradas nos gêneros jornalísticos .....</b>	<b>30</b>
<b>3</b>	<b>O PENTÁGONO DA NOTÍCIA E A ARESTA DE ‘ANÁLISE’.....</b>	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>A ANÁLISE NAS REPORTAGENS DO JORNAL O POVO.....</b>	<b>37</b>
<b>4.1</b>	<b>Procedimentos de pesquisa.....</b>	<b>37</b>
<b>4.2</b>	<b>Explorando os indicadores: percepções do teor analítico.....</b>	<b>41</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>51</b>
	<b>APÊNDICE B – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

Em 7 de janeiro de 2018, ao completar 90 anos de fundação, o jornal cearense O Povo lançou um redesenho gráfico junto a uma reforma editorial do veículo impresso. As bases para essa mudança foram os novos desafios do mercado jornalístico e as transformações no consumo da informação, reflexo de mutações próprias da prática profissional (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011; DEUZE; WITSCHGE, 2016). Em um momento em que se discute sobre um possível desaparecimento da mídia impressa (MEYER, 2008; CALDAS; REBOUÇAS, 2016), os jornais estão seguindo também um fluxo de mudança — edições de finais de semana são reduzidas, novos cadernos são instituídos e projetos gráficos mais modernos são idealizados.

A atitude do O Povo, inclusive, não se deu de forma isolada. Uma onda de reestruturações gráficas e editoriais, além de investimentos em maior presença digital, ocorreu em alguns dos principais jornais brasileiros nos últimos anos. Alguns exemplos são o Gazeta do Povo (PR), que encerrou sua edição impressa diária em 2017, para circular apenas em suas plataformas digitais e em uma edição de periodicidade semanal, com promessa de leituras aprofundadas; as reformas gráficas dos jornais Folha de São Paulo e O Globo (RJ) em 2018; e a reformulação gráfica e adição de novas seções do Zero Hora (RS) em 2019.

Esta monografia parte do projeto de pesquisa ‘As mudanças nas rotinas produtivas e no projeto gráfico-editorial de O Povo como reflexos das transformações da identidade jornalística’ do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC com financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (ICT/Funcap). Participamos do programa de julho de 2018 a julho de 2019, procurando estabelecer relações entre as transformações experienciadas pelo O Povo e a reestruturação produtiva do jornalismo. Além disso, realizamos uma análise exploratória com edições do jornal para perceber quais as mudanças do novo projeto gráfico-editorial e uma entrevista semiestruturada com os diretores da redação do veículo, Ana Naddaf e Erick Guimarães, que será utilizada também neste trabalho.

Com base no que já discutimos e analisamos nesse percurso, nos concentraremos na reorientação editorial do O Povo, a partir do que a empresa chama de ‘pentágono da notícia’, uma guia para produção jornalística do veículo nessa transformação. Em um manual explicativo intitulado ‘Para descobrir o seu novo jornal’ (2018), o repórter do O Povo, Rômulo Costa, elucida a mudança editorial. “A transformação do jornal se baseou em cinco pilares que vão orientar nosso jeito de reportar: furo, análise, síntese, conhecimento e prazer.

Essas são as arestas do pentágono que sustentarão a produção jornalística do grupo.” (p. 4). Dentro desta guia, evidenciamos o ponto ‘análise’ a fim de explorar suas características e relações com as mudanças dos jornais.

O teor analítico em textos de jornalismo impresso não é algo inédito ou recém-inventado, mas o que nos chama atenção é, dentro do contexto das mudanças estruturais do jornalismo, a escolha de um veículo de tomar tal característica como um suporte para sua produção em um momento de transformações.

É o entendimento desse assunto que move esta pesquisa. Diante das demandas de conteúdo jornalístico no cenário atual, principalmente do jornal impresso, e do posicionamento da empresa jornalística frente ao contexto, estabelecemos a seguinte questão de pesquisa: “*O que configura o ponto de ‘análise’ do ‘pentágono da notícia’ proposto pelo O Povo e como ele se apresenta nos textos de reportagem do jornal impresso pós-reforma gráfico-editorial de 2018?*”.

Para tal fim, no Capítulo 1- *Mudanças no Jornalismo, Análise e Interpretação: Um Ponto de Partida* mapeamos os principais trabalhos recentes, por meio de mecanismos de busca a repositórios específicos na internet, acerca do jornalismo interpretativo e analítico com a finalidade de perceber as principais percepções sobre a especificidade dessas produções jornalísticas. Também localizamos trabalhos sobre mudanças estruturais no jornalismo, a fim de gerar uma discussão conceitual necessária ao momento profissional que passa por transformações. Ainda discutimos as relações entre o provável crescimento do jornalismo interpretativo e analítico e as mutações na estrutura do trabalho jornalístico.

No Capítulo 2 – *O Jornalismo em Transformação e Suas Implicações Textuais* nos aprofundamos na abordagem das transformações paradigmáticas no jornalismo, suas crises e desafios contemporâneos, em especial os percursos narrativos analíticos nesse cenário, com foco no jornalismo impresso. Discorremos, inclusive, sobre as principais conceituações de interpretação e análise dentro da prática jornalística e as relações entre as concepções, funções e elementos fundamentais.

Apresentamos o objeto desta pesquisa no Capítulo 3 – *O Pentágono da Notícia e a Aresta de ‘Análise’*, em que explicitamos o que constitui o pentágono da notícia e o ponto ‘análise’, a partir da entrevista semiestruturada realizada com a diretora-executiva e o diretor-adjunto de redação do jornal O Povo em abril de 2019. Além disso, estabelecemos relações com elementos constituintes de análise e interpretação segundo pesquisadores trabalhados no campo teórico.

Detalhamos os métodos de pesquisa no Capítulo 4 – *A Análise nas*

*Reportagens do Jornal O Povo: Procedimentos de Pesquisa*, onde explicitamos nossa metodologia de análise de conteúdo para verificação de frequências dos indicadores de análise construídos com apoio da entrevista e do suporte teórico. Apresentamos a construção de nossa amostra de acordo com três períodos do jornal: imediatamente antes da reforma gráfico-editorial, durante o primeiro mês da implantação e um ano após a mudança.

Os resultados apontam, principalmente, a permanência dos indicadores de análise de explicação, contextualização e previsões nos três períodos do veículo jornalístico e ausência de variáveis de certificação e checagem de informação nas reportagens analisadas. Percebe-se, também, que o número de reportagens apresentou aumento considerável. Notamos que as permanências e reapropriações de práticas consolidadas no jornalismo estão presentes na prática das transformações do jornal O Povo.

## **1 MUDANÇAS NO JORNALISMO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO: UM PONTO DE PARTIDA**

O presente estado da arte foi elaborado com o intuito de reunir as produções que contribuíram para as chaves de pesquisa que norteiam este trabalho. A relevância desse processo se dá para que outros pesquisadores da área possam encontrar o percurso das contribuições desse eixo temático até então. Consideramos, nas buscas, termos mais abrangentes desta pesquisa e outros mais específicos.

Utilizando os mecanismos de busca da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC), Google Acadêmico e SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, por meio de pesquisa avançada do Google, pesquisamos as seguintes palavras-chave: “mudanças estruturais + jornalismo”; “jornalismo analítico” e “jornalismo interpretativo”. O primeiro foi escolhido por se tratar da abordagem geral de nossa pesquisa, mas com filtragem para as produções referentes ao jornalismo impresso, a fim de obter maior proximidade com nosso propósito. Por conta da escassez de produções acadêmicas que trabalhem o termo “jornalismo analítico” no Brasil, utilizamos, como alternativa, a expressão em inglês “*analytical journalism*” em busca avançada do Google com a intenção de obter mais resultados específicos às necessidades de conceituação dessa temática. Ainda, por uma nítida aproximação de conceitos, realizamos também a pesquisa com as palavras-chave “jornalismo interpretativo”, que na bibliografia brasileira é onde a conceituação de análise jornalística se encontra.

### **1.1 Palavra-chave: “Mudanças estruturais + jornalismo”**

Consideramos fundamental para essa monografia a noção de mudanças estruturais no jornalismo, pois insere o objeto de pesquisa em seu contexto. Por isso, escolhemos esses termos de busca para o estado da arte. Nesse processo, priorizamos as produções que se associam à temática de jornalismo impresso, como no nosso caso. O que observamos aqui são os conceitos que se aliam de alguma forma com a pergunta de partida e as questões que envolvem nosso interesse na produção textual de um veículo em transformação.

#### **Quadro 1 — Palavra-chave: “Mudanças estruturais + jornalismo”**

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
Mudanças estruturais do jornalismo: O caso do jornal A Gazeta ES (dissertação)	João Cláudio de Santana Guerra (2018)	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD	<p>1) Mudanças nas rotinas de produção do jornalismo entre os séculos XX e XXI (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).</p> <p>2) Crise dos jornais tradicionais impressos no Brasil (REBOUÇAS; CALDAS, 2016).</p> <p>3) Campo como espaço de lutas simbólicas e a subordinação do campo jornalístico pelas pressões de mercado (BOURDIEU, 1997).</p> <p>4) O pólo ideológico do jornalismo como a prestação de um serviço público e o pólo econômico que afoga a função do primeiro (TRAQUINA, 2012).</p>	Levantamento bibliográfico sobre a trajetória do veículo; História Oral: entrevistas semiestruturadas com os profissionais do jornal	<p>1) O jornalismo deixa de ter como base principal a redação e se guia por pesquisas de marketing;</p> <p>2) O “afinamento” dos jornais com desaparecimento de suplementos também significa a demissão de jornalistas;</p> <p>3) A possibilidade de pensar novas formas de trabalhar para além da lógica industrial.</p>
As transformações nas rotinas produtivas das redações: Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio (dissertação)	Flora Leite Freire (2018)	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD	<p>1) Paradigmas jornalísticos (CHARRON; BONVILLE, 2016) e fases do jornalismo (MARCONDES FILHO, 2009).</p> <p>2) Campo jornalístico (BOURDIEU, 1997); (TRAQUINA, 2005).</p> <p>3) Valores-notícia (WOLF, 2012).</p> <p>4) Rotinas produtivas (TUCHMANN, 1999).</p>	Observação participante	<p>1) A repercussão das notícias em redes sociais como novo critério de noticiabilidade;</p> <p>2) O acúmulo de funções no jornalismo aos moldes transmidia prejudica a atenção dada ao jornal impressos;</p> <p>3) Enquanto decrescem as vendas de jornais, há a preocupação das empresas de contratar jornalistas para elaborar materiais de marketing.</p>

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
O jornalismo em tempo de mudanças estruturais (artigo)	Fábio Henrique Pereira; Zélia Leal Adghirni (2011)	Google Acadêmico	1) Estrutura e transformações (CHARRON; BONVILLE, 2004). 2) Pressões na produção multimídia (DEUZE, 2004). 3) Participação do público (ROBINSON, 2010).	Revisão bibliográfica; levantamento de dados	1) Construção de novos jornalismo por meio da multiplicação de produtos; 2) Há uma crise no modelo econômico das empresas e uma redefinição das relações com o público; 3) Há um processo crescente de integração das redações a partir de novas tecnologias.
O impresso em tempo de mudanças estruturais do jornalismo: estudo de caso do jornal O Popular (artigo)	Raphaela Xavier de Oliveira Ferro; Jordânia Bispo Rocha (2016)	SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo	1) Mudanças estruturais no jornalismo (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011) 2) Jornalismo impresso e mudanças (MARCONDES FILHO, 1993; SANT'ANNA, 2008; TEMER, 2015; TUZZO, 2016).	Estudo de caso	1) Ao repensar seu modelo de negócios, o jornal analisado se distanciou do seu público 2) Infere que os jornais impressos serão afetados pelas mudanças estruturais em maior ou menor grau.

Fonte: elaborado pela autora.

## 1.2 Palavras-chave: “jornalismo analítico” / “analytical journalism”

A busca por “jornalismo analítico” nos obteve um único resultado na pesquisa do Google, que foi uma seção do livro “Elementos de jornalismo impresso”, de Jorge Pedro Sousa (2001). Nos outros mecanismos (Google Acadêmico, BDTD, SBPJor) não houve nenhum trabalho encontrado. Devido a essa escassez, tentamos a substituição pela palavra-chave em inglês, “analytical journalism”. A perspectiva foi encontrar mais contribuições que tratassem dessa conceituação, a fim de tornar mais claro aquilo que trabalharemos por “análise jornalística”. Há, dentre os achados, um artigo que trabalha a expressão “interpretive journalism” como sinônimo de jornalístico analítico algumas vezes dentro texto, por isso, também foi incluída na sistematização.



**Quadro 2** — Palavras-chave: “jornalismo analítico” / “analytical journalism”

<b>TÍTULO E TIPO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>FONTE</b>	<b>CONCEITOS PRINCIPAIS</b>	<b>OPÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>CONCLUSÕES</b>
The Role and Features of Analytical Journalism in Kazakh society in the Era of Social Media (artigo)	Kaken Kamzin; Madiyar Saudbayev (2014)	Pesquisa avançada do Google	1) O jornalista global privado de características étnicas (Willnat, Weaver, & Choi, 2013) 2) Jornalismo analítico relacionado às habilidades pessoais do jornalista (Beljakova, 2013) 3) Jornalismo analítico é um caminho para encontrar a verdade	Análise de conteúdo	.O jornalista analítico não precisa apenas conhecer bem a área e analisar fatos de maneira profissional, mas deve ser franco e independente ao processar informações.
Pattern of Journalistic Analysis in Media-text: Major and Minor Elements (artigo)	Mariam Gersamia (2012)	Pesquisa avançada do Google	1) Divisão do conteúdo das notícias entre “maiores” e “menores” para ver a diferença de ênfase da mídia sobre certos temas (McCombs; Shaw, 1972); 2) A análise é feita através de formas e padrões (Rosenwasser; Stephen, 2009) 3) Estrutura da notícia ou história de um único elemento em: lead; explicação e background; adicional ao lead e temas secundários (Mencher, 1993)	Análise de conteúdo	Determina 17 elementos de análise em textos de mídia, maiores e menores.
Interpretive Journalism: A Review of Concepts, Operationalizations and Key Findings (artigo)	Susana Salgado; Jesper Strömbäck (2011)	Pesquisa avançada do Google	1) O jornalismo interpretativo enfatiza o significado dos fatos, das afirmações de fontes e do porquê dos 5W (PATTERSON, 1993). 2) O estilo interpretativo	Análise de conteúdo quantitativa	Sugere uma conceituação não-normativa do jornalismo interpretativo e também variáveis para investigar a extensão interpretativa das notícias.

			<p>empodera o jornalista pois o tira da condição de observador e o coloca como analista (PATTERSON, 2000<sup>a</sup>).</p> <p>3) Benson e Hill (2007) distinguem a interpretação como um discurso empírico que vai além dos fatos para especular coisas como significado, resultados e motivos.</p> <p>4) Para Barnhurst e Multz (1997) o crescimento do jornalismo interpretativo representa a passagem de uma cobertura de eventos para uma fundada em temas.</p>		
--	--	--	---	--	--

Fonte: elaborado pela autora

### 1.3 Palavra-chave: “jornalismo interpretativo”

A escolha pelo termo “jornalismo interpretativo” se deu pelo entendimento de que, na literatura referente aos gêneros e formatos, no Brasil, esse conceito é onde a ideia de análise no jornalismo é trabalhada. Damos preferência a produções recentes, dos últimos 10 anos, que tratassem a interpretação jornalística no jornalismo impresso e no cenário de transformações.

**Quadro 3** — Palavra-chave: “jornalismo interpretativo”

TÍTULO E TIPO	AUTOR	FONTE	CONCEITOS PRINCIPAIS	OPÇÕES METODOLÓGICAS	CONCLUSÕES
Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo: diferenças que estabelecem diferenças (artigo)	Demétrio de Azeredo Soster; Fabiana Piccinin (2013)	Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - BOCC	1) Gêneros jornalísticos: classificação de Marques de Melo (1985) e Beltrão(1980). 2) Características do jornalismo interpretativo segundo Seixas (2009).	Revisão bibliográfica	1) Os textos de natureza interpretativa são necessários à manutenção do próprio sistema midiático-comunicacional, o que é revelado no desempenho geral das revistas em

			<p>3) Sistema midiático-comunicacional (Soster, 2009): quando diversos meios se unem em rede.</p> <p>4) Queda de circulação dos impressos: Lourival Sant'Anna (2008).</p> <p>5) Confiança e capacidade auto-referencial segundo Fausto Neto (2006)</p>		<p>relação à queda dos jornais.</p> <p>2) O dispositivo terá mais chances de garantir sua manutenção operacional no interior do sistema, interferindo e sendo interferido pelos fluxos operacionais.</p>
A palavra que cura, a narrativa e o jornalismo interpretativo (artigo)	Cilene Victor da Silva; Dimas Künsch (2015)	Google Acadêmico	<p>1) A narrativa possui a força de instituir a realidade (MOTTA, 2009)</p> <p>2) Notícia fenomênica e notícia interpretada (BELTRÃO, 1980)</p> <p>3) A crescente demanda do jornalismo em profundidade (MEDINA; LEANDRO, 1973)</p>	Revisão bibliográfica	<p>1) A crise no jornalismo aponta para uma revalorização do jornalismo interpretativo, pois ele pode reorganizar o caos da profusão imensa de informações</p> <p>2) Discordam de Medina e Leandro porque creem que quem deve determinar o sentido do fato é o leitor no caso do gênero interpretativo</p>

Fonte: elaborado pela autora.

#### 1.4 Estabelecendo relações: Mudanças estruturais e jornalismo analítico

O jornalismo impresso vem sendo estudado nos últimos anos a partir de transformações experienciadas nos jornais, decorrentes do uso da internet como meio de comunicação e das novas lógicas comerciais. Caldas e Rebouças (2016) pesquisam a iniciativa das empresas jornalísticas que migraram seu conteúdo impresso para a mídia *online*, enxugando o número de páginas e extinguindo as edições dominicais. Zero Hora (RS), Correio do Povo (RS), Diário Catarinense, Gazeta do Povo (PR) e Estado do Maranhão (MA) foram alguns dos jornais apontados pelos autores que deixaram de circular aos domingos e aderiram às edições de fim de semana. A causa da concorrência e da queda de circulação do impresso é a velocidade da difusão de informações no ambiente digital e a incapacidade de

disputa entre os meios nesse quesito. No entanto, mesmo que a tendência seja a migração para a internet, esse processo não é economicamente sustentável.

Essa dificuldade financeira foi reconhecida por Vera Brandimarte, diretora de redação do jornal “Valor Econômico”, no Encontro Folha de Jornalismo, realizado em fevereiro de 2016, em São Paulo. Apesar de as assinaturas digitais já representarem um terço do total e da perspectiva de passar de 50% em dois anos, o modelo ainda não é sustentável, de acordo com ela, porque a publicidade online não chega a 5% do total. (CALDAS; REBOUÇAS, 2016, p. 6).

Dessa maneira, por mais que as organizações jornalísticas modifiquem e busquem novas fórmulas para o jornalismo impresso, que acabam por compactá-lo, isso não o fará desaparecer se sua rentabilidade ainda é superior que a da mídia digital. Como os próprios autores colocam, essa profecia do desaparecimento dos jornais é proposta desde o surgimento dos outros meios como o rádio e a televisão e, no entanto, o impresso resistiu.

O que se avalia, portanto, nesse momento do jornalismo, são os novos critérios de produção jornalística e a vivência das rotinas produtivas diante das transformações. Esses tópicos, para serem compreendidos no círculo contemporâneo de configurações profissionais, têm sido avaliados sob o suporte do conceito das mudanças estruturais. Para Pereira e Adghirni (2011), a dimensão estrutural supõe a solidificação de um agrupamento de convenções coletivas. Nesse sentido, todos os que estão sob a égide da estrutura praticam, em certo grau, a interiorização e a naturalização de determinados comportamentos e costumes. Assim, a mudança estrutural é aquela que por sua profundidade altera drasticamente a atuação de determinados sujeitos. Na prática, seria o oposto às “microinovações”, como indicam os autores.

Por exemplo, o lançamento de um novo jornal ou a introdução de um novo software de diagramação certamente altera o modo como o jornalismo é praticado, mas dificilmente pode ser o estopim de um processo de mudanças estruturais. Por outro lado, o aparecimento de uma nova mídia – como a internet – ou uma crise generalizada nas empresas de comunicação oferece potencial para alterar uma dimensão mais profunda da prática jornalística. (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 42).

Guerra (2018) analisa em sua dissertação as mudanças estruturais do jornal A Gazeta (ES) e critica a diminuição de páginas dos veículos impressos, argumentando que tal modificação resulta na demissão de profissionais, inclusive os mais experientes, os quais são trocados por jovens jornalistas que recebem salários menores. Outra crítica do autor é acerca do fazer jornalístico orientado por pesquisas de marketing, em que seu conteúdo não se

origina mais da intuição e do *know-how* do jornalista, mas dos apelos dos anunciantes. Contudo, não é novidade que os jornais impressos seguem lógicas comerciais e possuem a maior parte de sua renda advinda de anúncios. Na verdade, existe uma brecha dentro desse campo: falta a compreensão desse tipo de conteúdo produzido diante das novas demandas do público e da publicidade e, ainda, entender de que maneira o jornal orienta sua produção frente a essas lógicas.

Em uma perspectiva de sinergia e complementaridade entre meios impresso e digital, Freitas (2010), em sua dissertação intitulada ‘Do impresso ao digital: O texto jornalístico em mutação’, indica diferentes tendências para as duas mídias. Segundo a autora, “caberia ao jornal impresso a missão analítica/didática, passando para os meios digitais a tarefa de complementar, desdobrar o assunto e servir de plataforma para interação entre o veículo e o leitor.” (FREITAS, 2010, p. 11). Freitas (2010) compartilha da visão de Meyer (2008), de que um jornal menor, com menos edições semanais e uma maior parte de reportagens investigativas e textos analíticos são as características que irão ‘salvar’ o jornal impresso. Analisando a estrutura dos textos, a pesquisadora conclui que as notícias impressas analisadas tiveram seus tamanhos reduzidos e foram fragmentadas em menores blocos e denota este modelo como “mais compatível para os momentos futuros do jornal” (p. 87). Mas ainda não se chega ao entendimento desse caráter analítico que seria a inclinação dos jornais impressos, que pode, ainda, encontrar complementação nos estudos de gêneros e formatos jornalísticos.

“No jornalismo, a enunciação analítica fica a meio caminho entre a descrição e a opinião.” (SOUSA, 2001, p. 130). Como define o pesquisador Jorge Pedro Sousa, um dos poucos que trabalha com o termo “jornalismo analítico” em português, também há uma dificuldade em distinguir a análise da opinião, visto que muitas vezes ao construir um texto analítico o jornalista também opina. Mas as características fundamentais do jornalismo analítico tendem à interpretação, destrinchamento de informações, correlações etc. Além disso, Sousa (2001) evidencia o perfil do jornalista que possui aptidão para a análise.

Mas o jornalismo analítico requer jornalistas especializados, com um sólido domínio das matérias que aborda e um amplo leque de fontes contactáveis. Política (nacional e internacional, englobando as relações internacionais e a geoestratégia), desporto e economia são, provavelmente, as temáticas que mais se têm prestado ao jornalismo analítico. (SOUSA, 2001, p. 131).

Na literatura brasileira sobre gêneros jornalísticos, algo que se aproxima dessa conceituação é o gênero interpretativo da conhecida ‘Classificação Marques de Melo’, que

possui dentro de sua classe o formato ‘análise’ (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016). Soster e Piccinin (2013), através de uma pesquisa que aborda a reconfiguração do fazer jornalístico nesse momento marcado pela imersão tecnológica, percebem que há maior evidência dos gêneros interpretativo e diversional e a transformação destes em “elementos de constituição identitária e diferenciadora do sistema midiático-comunicacional” (SOSTER; PICCININ, 2013, p. 2). De um ponto de vista sistêmico, os autores trabalham a interligação dos diversos meios através da *web* com o conceito que chamam “sistema midiático-comunicacional” e defendem que, com a multiplicação dos dispositivos jornalísticos, esse sistema se mantém e fortalece sua identidade por meio de “um caminho que privilegia antes a originalidade, relevância e capacidade interpretativa do conteúdo que sua factualidade” (SOSTER; PICCININ, 2013, p. 10). Assim, para os autores, o percurso interpretativo é um elemento-chave para a sustentação dos jornais e revistas de informação para que não sofram um “processo autofágico” em que um meio desse sistema tome o lugar do outro. De certa forma, mesmo que em perspectivas teóricas diferentes, existe um consenso acerca da necessidade da análise e da interpretação no jornalismo impresso nesse cenário de transformações.

Outro trabalho que aponta nesse sentido é o de Silva e Künsch (2015). Para eles, a crise no jornalismo — vista como uma ocasião para novas experiências e oportunidades — indica uma revalorização do jornalismo interpretativo, pois ele é capaz de reorganizar a imensa profusão de informações. Persistem, ainda, imprecisões conceituais sobre a interpretação e a análise. Na definição de Medina e Leandro (1973), utilizada por Silva e Künsch (2015), a interpretação se distingue da opinião como “o esforço de determinar o sentido de um fato, através da rede de forças que atua nele – não a atitude de valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz em jornalismo opinativo” (MEDINA; LEANDRO, 1973, p. 16 *apud* SILVA; KÜNSCH, 2015, p. 24). Por outro lado, os pesquisadores questionam essa atribuição de sentido por parte do jornalista, contra-argumentando que o “sujeito da interpretação” deve ser o leitor, e não o redator. Ainda assim, Silva e Künsch (2015) reconhecem princípios-chave que fundamentam essa noção interpretativa, como ampliação e aprofundamento. Até então não é certa a classificação de jornalismo analítico e interpretativo como sinônimos, mas, em linhas gerais, é notória a aproximação de concepções. Assis (2010) apresenta o jornalismo interpretativo como um gênero de caráter analítico e assume que é de comum acordo entre os pesquisadores da área a ideia de que esse gênero “se caracterize pelo aprofundamento, pela explicação e pela análise da informação (DIAS ET AL, 1998, p. 8; ERBOLATO, 2006, p. 31; MARQUES DE MELO, 2010, p. 24)” (ASSIS, 2010, p. 25).

Com o intuito de assimilar essa missão analítica dos jornais impressos apontada pelos pesquisadores, propensão desses veículos na contemporaneidade, insistimos na busca pelos termos referentes ao jornalismo analítico. Ademais, também é propósito conhecer a tendência de análise dos jornais em transformação. É necessário considerar, contudo, que a literatura que trabalha com mais frequência os termos procurados é formada, em sua maioria, por artigos em língua inglesa. No artigo ‘*The Role and Features of Analytical Journalism in Kazakh society in the Era of Social Media*’, Kamzin e Saudbayev (2014) defendem que o jornalismo analítico é a principal maneira, dentro do jornalismo, de aproximação da realidade, capaz de satisfazer o desejo humano por conhecimento. Enquanto os jornalistas buscam desvendar e examinar uma história, o leitor é chamado a ponderar as visões do texto confrontando com as suas próprias a fim de chegar a uma conclusão, segundo os autores. Aqui, ao colocar a proposição analítica de um texto, se dispõe também os efeitos desta sobre o leitorado.

Buscando estabelecer elementos que caracterizem a análise jornalística em textos de mídia, a contribuição de Gersamia (2012) chegou à definição de componentes maiores e menores de análise (*majors* e *minors*) através da observação de formas e padrões. Sua pesquisa, que explora a revista britânica *The Economist* e a georgiana *Tabula*, chegou a 17 elementos detectados em mais de 130 textos dos dois periódicos. São eles: explicação, antecedentes, avaliação, exemplos, comparação, conclusão, prognóstico baseado em fatos, estatística, citação, hipótese, problema bem definido, questão principal bem formulada, argumento, contra-argumento, recomendação, opinião e contexto. Segundo a autora, apenas um desses componentes não seria capaz de sustentar a análise jornalística, mas também não é necessário forçar a presença de todos. Ademais, Gersamia (2012) explica que pelo menos seis elementos indistintos, dentre esses itens, são inevitáveis para embasar uma análise no jornalismo.

Já outros pesquisadores estrangeiros, como Salgado e Strömbäck (2011), recorreram à revisão bibliográfica do jornalismo interpretativo — neste caso o termo interpretativo é evidentemente posto como sinônimo de analítico e avaliativo. Evidenciam, através da bibliografia, a capacidade interpretativa de esclarecer o significado dos fatos, das afirmações das fontes e enfatizam o ‘por quê?’ das cinco perguntas do *lead* dentro as estratégias narrativas do texto analítico/interpretativo. Além disso, também entram em consonância com os estudos que creem no crescimento desse tipo de jornalismo, especialmente na passagem da cobertura de eventos pontuais para reportagens baseadas em temas. Salgado e Strömbäck (2011), após levantarem atributos e discussões sobre o

jornalismo interpretativo, lançam algumas variáveis que consideram possíveis de investigar o grau de interpretação/análise de um texto noticioso. Em sete perguntas, os autores propõem um questionário que dá conta dos seguintes tópicos: (1) a presença de marcadores explícitos de que aquele conteúdo é interpretativo, como rótulos ou sinalizadores visuais; (2) o grau de interpretação presente no texto, daqueles cujo propósito principal é a análise aos que apresentam apenas uma pequena porção de interpretação ou explicação; (3) se a história inclui explicação ou interpretação por trás dos eventos; (4) se há especulações futuras; (5) se há contextualização; (6) se há comentário do jornalista; (7) a porcentagem de palavras redigidas pelo próprio jornalista, excluindo fontes.

A constatação das tendências analíticas para o jornalismo em diversos trabalhos é interessante para sustentar esse movimento da produção jornalística orientada para o momento em que se vive. A abordagem generalista sobre o texto analítico e a construção de elementos e padrões textuais leva-nos a pensar como essa estrutura é capaz de ser modulada em diferentes veículos de comunicação. Jornais diversos podem construir elementos analíticos diversos em seu parâmetro de interpretação no jornalismo. Contudo, há de se perceber se a utilização desses componentes parte dos jornais impressos como tendência diante das mudanças estruturais e transformações do jornalismo.



## 2 O JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES TEXTUAIS

### 2.1 Jornalismo, crises e paradigmas

As transformações que o jornalismo vivenciou por toda a sua história — como, por exemplo, a passagem da hegemonia do gênero opinativo para o informativo na virada do século XIX para o XX — não cessaram na atualidade e nem parecem se estabilizar. Ao contrário, as mudanças acontecem cada vez mais rápidas e se adequam a um contexto social e tecnológico de grande fluxo de informações. O jornalismo, bem como diversas outras práticas profissionais, sempre mudou. Para compreender a medida em que essas modificações influenciam nos instrumentos, procedimentos, sujeitos e produtos da profissão evidenciamos a noção de paradigma jornalístico.

Com o aporte teórico de Kuhn (1983), que chama de paradigma os problemas, métodos e técnicas comuns a um grupo de cientistas, Charron e Bonville (2016) empregam o termo para a comunidade jornalística, considerando que os jornalistas compartilham uma mesma noção de realidade e se utilizam de processos específicos para descrever tal consciência. Para os autores, o conceito de paradigma aplicado ao jornalismo “fornece os elementos de ordem sócio-cognitiva necessários à articulação da dimensão individual ou textual e da dimensão coletiva ou discursiva da prática jornalística” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 89).

Dependendo da circunstância, a reprodução constante de regras por parte do jornalista pode demandar ligeiros desvios da sua atividade habitual, que são capazes de produzir processos inovadores no sistema normativo da profissão. No entanto, quando as mudanças e o seguimento da inovação se intensificam por uma longa duração, gerando alterações significativas, duráveis e profundas em uma grande quantidade de princípios da comunidade jornalística, pode-se dizer que tal estrutura vive uma metamorfose, em que o conjunto de regras torna-se irreconhecível. Tal encadeamento é chamado de crise paradigmática, a qual, diferentemente da mudança normal, provoca a mudança de um paradigma e sua passagem para outro (CHARRON; BONVILLE, 2016).

A noção estabelecida de um paradigma jornalístico ajuda a compreender o que significam as mudanças de ordem estrutural. É pela maneira que se altera esse conjunto de normas que se chega ao grau da transformação. Em si, o jornalismo não desapareceu, mas os modelos predominantes de cada período histórico se modificaram. Por isso, a passagem de um paradigma a outro, ou até uma provável hibridização entre os modelos, deve ser pensada pela ótica da radicalidade em que se modificam os postulados de tal sistema.

Revelam-se, portanto como períodos de aparente descontinuidade no sistema normativo que define a prática jornalística. Tais transformações, entretanto, não seriam absolutas, na medida em que alguns valores, métodos e técnicas tendem a ser reafirmados e garantem certa estabilidade cognitiva e reconhecimento social a uma atividade. Ou seja, mudam os paradigmas sem que isso implique o desaparecimento do que chamamos de 'jornalismo' (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 43).

Em uma reflexão sobre a história do jornalismo da América do Norte, quatro são os períodos caracterizados por “um modo específico e singular de conceber e de praticar o jornalismo” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 28), segundo os autores. O primeiro deles, o ‘jornalismo de transmissão’, é atribuído ao século XVII, época em que o jornalista não apresenta identidade discursiva, funcionando como um elo entre fontes e leitores. Um exemplo dessa ‘impessoalidade’ é o uso de pseudônimos na assinatura dos textos. É só no segundo modelo, do ‘jornalismo de opinião’, no início do século XIX, que o jornalista vai construir essa identidade em seu enunciado. O momento histórico, inclusive, é de grandes transformações políticas, o que reflete no jornal, que se torna um espaço de expressão a serviço dos embates políticos. Ademais, grande parte dos financiadores dos veículos desta etapa eram instituições partidárias.

O período do 'jornalismo de informação' se torna dominante a partir de 1920, quando prevalece o modelo empresarial para os veículos de comunicação. Os proprietários percebem que atingirão muito mais leitores com conteúdos que possam interessar a mais pessoas, produzindo materiais mais generalistas. A intenção não é mais gerar divisão na população por meio do debate político, mas produzir um conteúdo que agrade o maior número possível de leitores, gerando, por consequência um maior ganho publicitário. Mas é nas décadas de 1970 e 1980 que, na busca de novos mercados, cresce a diversificação e a oferta de mídia. Com o desenvolvimento da digitalização e das novas tecnologias, os empresários estimulam inovações técnicas e os profissionais buscam uma nova conexão com o público. Esse paradigma é chamado de ‘jornalismo de comunicação’.

Ainda é preciso indicar que os paradigmas podem ter apropriações diferenciadas quando alguns fatores incidem sobre eles. O condicionamento de novas práticas jornalísticas pode ser advindo de contextos regionais, sociais e mercadológicos. Com a amplificação da concorrência, para se diferenciarem, os jornalistas passam a “transparecer mais abertamente sua subjetividade” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 30). Isso acontece porque há a necessidade de gerar uma oferta fundada nas predileções do público-alvo. Segundo Pereira e Adghirni (2011), estaríamos vivendo “as consequências desse último paradigma jornalístico,

marcado pelas pressões exercidas pela lógica comercial de uma hiperconcorrência entre publicações, suportes e mensagens.” (p. 44).

A intervenção dessa realidade nos gêneros e formatos jornalísticos também é percebida por Charron e Bonville (2016), ao apontarem para uma nítida ascensão dos textos que “dão amplo espaço ao comentário (crônicas opinativas, de humor e temáticas, linha aberta, etc.)” (p. 30). Essa observação converge com as discussões da pesquisa sobre o incremento dos elementos analíticos e interpretativos nesse cenário de transformações do jornalismo. Além disso, destacam também a hibridização do discurso jornalístico com o de outros tipos de atividade, como entretenimento e publicidade. Na análise dos professores Fábio Pereira e Zélia Adghirni (2011), além dessa aproximação com a publicidade, existem outros três arranjos de transformações na produção jornalística: “a) a aceleração dos fluxos de produção e disponibilização da notícia; b) a proliferação de plataformas para a disponibilização de conteúdo multimídia; c) as alterações nos processos de coleta de informação (“news gathering”) e das relações com as fontes.” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 45).

Sobre a velocidade na elaboração e disseminação do material jornalístico, a internet e as redes de compartilhamento de informação têm grande papel nessa característica na contemporaneidade. No caso do jornalismo impresso, que experimenta uma desvantagem em relação à instantaneidade dos meios digitais, é preciso considerar de que maneira o jornal impresso diário pode sustentar sua razão de ser, tendo em vista a urgência das lógicas comerciais do ‘jornalismo de comunicação’. Tanikawa (2017) defende que o jornal em papel está lutando para sobreviver na era da mídia digital, todavia, considera que a posição desse veículo no cenário atual se sustenta na originalidade, no aprofundamento e na análise. “Como não podem competir com a mídia on-line com base na velocidade, os jornais se destacam reforçando a profundidade da informação, análise e cobertura de tendências que não são publicadas em outros lugares (Usher, 2010)”. (TANIKAWA, 2017, p. 3520, tradução nossa).

## **2.2 Análise e interpretação: fronteiras borradas nos gêneros jornalísticos**

O gênero interpretativo, explorado por diversos estudiosos dos gêneros e formatos jornalísticos, foi abordado pela primeira vez no Brasil por Leandro e Medina (1973), que conceituaram esse tipo de jornalismo de maneira em que se distancia da noção de informação e também de opinião. Dessa forma, o jornalismo interpretativo se aproxima daquilo que Sousa (2001) chama de jornalismo analítico porque ambos os termos são conceituados como

atividades que se desenvolvem no meio de dois ‘extremos’: o texto essencialmente descritivo e o opinativo. Para Beltrão (1976), interpretar é um atributo jornalístico elementar, que se constitui em uma “análise preliminar de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica, e transformá-los em matéria para divulgação” (BELTRÃO, 1976, p. 47). Difere, ainda, da opinião, quando considera que o jornalista só entra no campo opinativo quando submete a informação colhida a uma valoração pessoal.

Mesmo compreendendo a diferenciação do interpretativo e opinativo, alguns autores acreditam que a interpretação não é dissociada da informação. Por exemplo, antes do estabelecimento do jornalismo interpretativo em sua categorização, Marques de Melo (1985), acreditava que o gênero correspondia às mesmas funções propostas para o jornalismo informativo. Em entrevista realizada em 2008, à pesquisadora Lia Seixas, José Marques de Melo revelou que a partir das suas pesquisas na imprensa diária, identificou os cinco gêneros que compõem sua classificação atual: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional.

Nos anos 80, a pesquisa que fiz só me indicou a predominância de informativo e opinativo. A maioria do pessoal lia, dizendo que eu acho que só existem 2 gêneros. Não é isso, eu identifiquei somente dois gêneros na imprensa diária. De lá pra cá, eu venho pesquisando a cada 5 anos e fui encontrando evidências de que outros gêneros foram surgindo. O gênero interpretativo, que teve uma vigência muito forte nos anos 60 e 70, desapareceu nos anos 80, voltou nos 90 e agora está se desenvolvendo muito. (MARQUES DE MELO, 2008, *on-line*).

O professor também critica a nomenclatura deste gênero. Para ele, o termo em inglês possui conotação educativa e explicativa. No entanto, a tradução para o português sugere valoração e opinião, por isso a incompreensão acerca da função do jornalismo interpretativo. Assis (2010) ao trazer a conceituação de Erbolato (2006) acerca dessa temática, evidencia o surgimento do gênero jornalístico interpretativo, entendido como mais explicativo e profundo, de maneira reacional à popularização e à velocidade de outros veículos.

Mário Erbolato (2006: 30-31) considera o jornalismo interpretativo – “também conhecido como jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo ou jornalismo motivacional” – como resposta aos avanços conquistados pelos veículos eletrônicos. Numa espécie de “luta contra o jornalismo falado”, os veículos impressos começaram a oferecer conteúdos complementares às notícias que são costumeiramente divulgadas em primeira mão pelo rádio, pela TV e, agora, pela internet. (ASSIS, 2010, p. 23).

Na classificação de Marques de Melo os gêneros jornalísticos são agrupamentos que agregam elementos de semelhança e regem variantes diversas, os formatos,

que são definidos como “o instrumento – a forma – que emissores adotam para se manifestar e para fazer circular conteúdos elaborados em harmonia com circunstâncias distintas.” (MARQUES DE MELO, ASSIS, 2016, p. 47). Na categoria ‘jornalismo interpretativo’, proposta pelo autor, é estabelecido como subordinado o formato ‘análise’. Nessa perspectiva, a análise expressaria uma forma concreta desse gênero veiculada em determinado tipo de suporte. Todavia, não há clareza da análise enquanto formato, em especial relacionada à estrutura, como existe para outros formatos do tipo notícia, reportagem, editorial, crônica etc. É essa lacuna que nos impede de identificar a análise para além de características gerais próprias do caráter interpretativo.

A pesquisa *Gêneros e Formatos na Comunicação Massiva Periodística: Um Estudo do Jornal ‘Folha de São Paulo’ e da Revista ‘Veja’*, realizada por um grupo da Universidade Metodista de São Paulo, ao trabalhar com essa classificação, contribuiu elencando certas definições acerca do que consiste a análise.

Para classificarmos o Jornalismo Interpretativo definimos análise quando a informação é analisada pelo autor do texto publicado, com dados complementares que fazem com que o leitor possa ter uma compreensão maior dos fatos. Mário Erbolato define análise o estudo do que foi veiculado pelo meio. Para Algar, análise corresponde à investigação dos elementos que compõem uma mensagem informativa (DIAS et al., 1988, p. 13).

Considerando a profusão de material jornalístico nos meios digitais, é possível que tais categorizações se apresentem de forma cada vez menos engessada e mais híbrida, principalmente tratando-se de formatos que não trazem tantas especificidades e regras de produção limitadoras. Seixas (2009), em sua tese de doutorado, defende que, com as novas mídias, os gêneros tendem ao embaralhamento e a prática discursiva pode provocar a proliferação de novos formatos. Contudo, Assis (2010) sinaliza que a construção das categorias tem a pretensão de apontar “a principal finalidade dos conteúdos jornalísticos, uma vez que as fronteiras entre informação, opinião, interpretação, diversão e serviço não são extremamente rígidas, a ponto de que um gênero possa ser considerado puro” (ASSIS, 2010, p. 17).

Essa constatação nos remete, de certa maneira, à falta de exato discernimento acerca das diferenças entre o que constitui o ‘jornalismo interpretativo’, ‘jornalismo analítico’, ‘jornalismo de explicação’ e outras denominações trabalhadas por estudiosos dos gêneros jornalísticos.

Nosso enfoque é trabalhar a semelhança daquilo que se conhece como interpretação e análise, a fim de verificar sua funcionalidade. Então, ao invés de buscar encaixar tais conceitos dentro de gêneros e formatos específicos, pretendemos avaliar, à luz de conceitos já postulados, qual a sua função e conhecer quais os elementos que constituem a interpretação e análise no texto. Nessa perspectiva, cabe retomar os indicadores propostos por Gersamia (2012) sobre o jornalismo analítico. De acordo com a autora, jornalistas utilizam elementos específicos para construir uma análise. São alguns deles a contextualização, os antecedentes, o uso de dados estatísticos, argumento, opinião etc. Esses princípios foram percebidos através de padrões em textos jornalísticos de dois veículos impressos, portanto, não foram estipulados por meio de uma discussão teórica, mas de uma pesquisa exploratória. Mesmo assim, é possível considerá-los, em parte, se definirmos como função da análise o exame da informação que compreende o desenvolvimento lógico de uma história, suas perspectivas e implicações para o mundo, satisfazendo a busca humana por conhecimento (KAMZIN, SAUDBAYEV, 2014).

Ainda levando em conta que a análise vive entre a descrição e a opinião, cabe admitir que conceitos como a explicação de um acontecimento; a exposição dos antecedentes de um fato; o uso de exemplos, comparação e dados estatísticos; a formulação de um prognóstico; a apresentação de uma questão ou problema principal bem definido e a identificação de argumento e contra-argumento estão entre possíveis indicadores de análise em um texto, dentre os elementos apontados por Gersamia (2012).

No campo da interpretação, compreendendo sua função como a determinação do “sentido de um fato” (LEANDRO; MEDINA, 1973), Assis (2010) traz alguns pontos, segundo o pensamento de Medina e Leandro (1973), que correspondem a características constitutivas de um texto interpretativo.

Além disso, também consideram que a interpretação se distancia da informação por conta da “complementação dos fatos”, da “pesquisa histórica de antecedentes” e da “busca do humano permanente no acontecimento imediato”, itens necessários para a construção de textos dessa primeira ordem, pois “enquanto a notícia registra o *aquí*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui num círculo mais amplo, *reconstitui* o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar *acontecendo* atemporal ou menos presente” (Leandro e Medina, 1973: 23, grifo no original). (ASSIS, 2010, p. 22 e 23).

De acordo com Seixas (2009), em três particularidades se constitui a prática interpretativa no jornalismo. São elas: a apresentação do contexto do acontecimento; técnicas produtivas próprias, que envolvem a dissecação do fato, investigação e favorecimento da

interpretação por parte do leitor através da redação do texto; e o uso de adjetivos, advérbios e desaparecimento do *lead* (SEIXAS, 2009, p. 66).

Dessa maneira, também é aspecto do jornalismo interpretativo o destaque para o ‘por quê?’ do *lead*, que indica uma abordagem mais explicativa, em detrimento de outras questões como ‘quem?’, ‘quando?’ e ‘onde?’, as quais evidenciam fatos mais típicos de cotidiano (SOONTJENS, 2018; SALGADO; STRÖMBÄCK, 2011; BARNHUST; MUTZ, 1997). Apesar de Soontjens (2018), em um veredicto teórico para o jornalismo interpretativo no artigo ‘*The Rise of Interpretive Journalism*’, elencar três elementos-chave para o gênero — explicação, avaliação e especulação — consideramos apenas o primeiro e o último na construção dos indicadores desta pesquisa, visto que a noção de avaliação de um fato induz à prática opinativa dos jornalistas, o que entra em desacordo com o entendimento do jornalismo interpretativo tratado até aqui.

Por conseguinte, visualizamos que a análise e a interpretação no jornalismo convergem no uso da explicação (emprego da contextualização, antecedentes, dados complementares) e da especulação (prognóstico, perspectivas), percebendo que suas fronteiras são extremamente diluídas, ou quase inexistentes, principalmente se considerarmos sua inserção dentro de textos sem função principal opinativa. Ponderamos, ainda, que a reportagem, formato capaz de transitar entre a essência interpretativa e a descritiva, poderia demonstrar com maior aplicação prática os dois gêneros, devido à sua proposta estrutural de texto jornalístico, que dá ênfase à abrangência temática e aprofundamento dos detalhes.

### **3 O PENTÁGONO DA NOTÍCIA E A ARESTA DE ‘ANÁLISE’**

Conjectura-se que esse movimento de transição vivido no jornalismo é uma resposta ao fluxo contemporâneo de informações e ao cenário da profissão em um período que ressalta a ideia de crise, a partir das modificações nos modelos de negócios, da queda de circulação dos veículos impressos e a crescente de novos formatos (LEAL; JÁCOME; MANNA, 2014). Ademais, há também um esforço para se destacar a partir da credibilidade, tendo em vista a possibilidade, por meio da internet, da produção e disseminação de informações que nem sempre são verdadeiras ou bem apuradas. O uso do meio digital para a divulgação de notícias falsas dá margem para que o jornal impresso possa se colocar como oposição a essas ocorrências.

Tal afirmação leva em conta o discurso presente no manual explicativo da reformulação do O Povo, que se inicia com a palavra da diretora-executiva de redação, Ana Naddaf. “Em tempos de *fake news* e pós-verdade, muitos fizeram — e ainda fazem — crer

que o jornalismo está perecendo. Pelo contrário. É preciso olhar o porvir e acreditar que só com o jornalismo — o bom jornalismo — construiremos um novo futuro.” (NADDAF, 2018, p. 2). Os resultados desse novo momento do jornal incluem reformulações de editorias, novas seções e cadernos, além de conteúdos voltados para leituras mais leves e outras mais analíticas.

É interessante observar essa colocação institucional que enfatiza as especificidades do produto final da atividade jornalística, pois para os pesquisadores canadenses Charron e Bonville (2016) o texto jornalístico se encontra no centro dos elementos constitutivos da esfera midiática. “Assim, não é a predominância das considerações comerciais que caracteriza o jornalismo do século XX, mas a maneira como essas considerações influem no discurso jornalístico.” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 33). Desse modo, toda a influência da tecnologia nos meios de comunicação, o esforço comercial para sustentabilidade dos veículos e outros fatores que podem culminar na mudança de um jornal também podem ser percebidos na atividade jornalística em sua principal função, que é a produção noticiosa.

O ‘pentágono da notícia’, apresentado pelo O Povo como suporte da construção das narrativas jornalísticas da empresa, mesmo que seja posto intencionalmente como um ‘tipo ideal’ de orientação aos jornalistas do grupo de comunicação, possui seu sentido para alguns tópicos de desejos do público e de tendências conjunturais do jornalismo. Na entrevista realizada com os diretores da redação do O Povo em abril de 2019, pudemos compreender no que consiste cada um dos pontos do pentágono (furo, análise, síntese, conhecimento e prazer), segundo os princípios da organização jornalística. Em linhas gerais, o furo trata-se não somente da noção jornalística da publicação exclusiva e inédita, mas de uma abordagem única no tratamento da informação; a análise se relaciona com a capacidade de analisar eventos e trazer pontos de vista diferentes; a síntese se refere à curadoria de assuntos diários; o conhecimento traz a ideia do didatismo e do impacto dos acontecimentos na vida cotidiana; e o prazer se associa ao apelo visual do jornal e às leituras leves e ‘diversionais’.

Um exemplo da aplicação desses tópicos enquanto resposta aos anseios de consumo de informação é que a partir das pesquisas de marketing realizadas pela empresa, como subsídio à reformulação gráfico-editorial, observou-se uma necessidade do leitorado de consumir matérias mais didáticas. É o que afirma o diretor-adjunto de redação do O Povo, Erick Guimarães, sobre a experiência de um grupo focal. “O que tinha em comum entre eles eram pessoas de até 20 e poucos anos [...] E aí é interessante que é uma turma que gostava, discutia política ali [...] o pessoal queria, gostava da explicação, do didatismo, isso se



apresentou muito forte.” (GUIMARÃES, 2019). Esse levantamento relaciona-se com a aresta ‘conhecimento’ que, para o grupo de comunicação O Povo, compreende o interesse do leitor de entender a informação que já circula em outros meios, mas que pode ser melhor explicada no jornal impresso.

Essas declarações, inclusive, apontam para indícios sobre o lugar do jornal impresso nesse processo de transformações. No ponto de análise, ainda do ‘pentágono da notícia’, Ana Naddaf explica na entrevista que a escolha por uma maior inclusão de teor analítico no conteúdo se dá, além das pesquisas de marketing, por uma observação das dinâmicas do próprio jornalismo naquele momento.

Nas conversas da pesquisa as pessoas pediam muito a importância da gente fazer uma análise. Na época, a gente discutia muito *fake news*, eu lembro que até o Marcelo Rech [Presidente da Associação Nacional de Jornais - ANJ] tem uma frase, ele dizia que ‘os jornais passaram a ser certificadores da realidade’. O que a gente precisava dizer é o que não era verdade. Isso aconteceu ou não aconteceu? (NADDAF, 2019).

Isso indica uma aproximação com a tendência de ‘checagem de informação’ que se tornou popular na internet com as agências ‘Lupa’, ‘Aos Fatos’ e ‘Pública’. Contudo, o tópico de análise não se resume apenas a essa proximidade. A editora pontua também o desdobramento e o aprofundamento dos fatos como características desse item.

Porque havia uma necessidade, a gente viu muito isso na *quali* e nos grupos focais que como às vezes a gente vive muito em bolhas, ter o outro olhar, da explicação mais aprofundada. Então, a política fazia isso muito bem, ainda faz. Ela tinha esse hábito de ter o ponto de vista, de enxergar duas pessoas como se fosse um confronto de ideias, pra explicar um assunto. Então, essa necessidade se tornou cada vez mais importante dentro de uma reportagem, essa questão da análise. (NADDAF, 2019).

Percebemos, pela fala de Ana Naddaf, certos atributos próprios do que o jornal considera como análise que se dirigem para um ponto comum com os autores já tratados neste trabalho nas discussões sobre análise e interpretação. Por exemplo, o aprofundamento da informação ou “complementação dos fatos” (LEANDRO; MEDINA, 1973) e a explicação do acontecimento (GERSAMIA, 2012; SOONTJENS, 2018). A diretora-executiva também chama a atenção para o elemento do contraditório, a divergência de opinião em um texto, para a construção de uma análise. “Então a análise veio muito nessa questão: não só da crítica, mas principalmente você trazer pontos de vista diferentes do que já foi, por exemplo, inserido na reportagem, ou você tem um momento ali de análise mesmo, pra gente fazer a distinção realmente.” (NADDAF, 2019). Aqui, traçamos um paralelo com o que Seixas (2009) afirma

acerca do leitor ser capaz de interpretar a ocorrência por si mesmo, bem como Silva e Kunsch (2015) defendem que a interpretação deve partir do leitor. Assim, cremos que a colocação explícita de pensamentos contraditórios dentro do texto (através de aspas ou textos de fontes divergentes) favorece o exercício interpretativo do leitor.

Outro ponto de relevância no discurso da entrevistada é a ênfase do componente analítico dentro do formato reportagem. Atribuímos, inclusive, esse destaque a dois fatores: a propensão do formato de carregar em seu texto os elementos primordiais da interpretação e análise, como maior riqueza de complementos informativos, mais fontes e esclarecimentos; e o próprio posicionamento do O Povo após a reforma gráfico-editorial, que promete um maior investimento e destaque para as ‘reportagens em profundidade’. “O jornalismo de profundidade ganha ainda mais espaço no O POVO. Marca do grupo desde a fundação, as grandes reportagens serão investimentos do jornal.” (O POVO, 2018, p. 4). Assim, optamos pela exploração das reportagens para o estudo dessa aresta do pentágono.

## **4 A ANÁLISE NAS REPORTAGENS DO JORNAL O POVO**

### **4.1 Procedimentos de pesquisa**

Nosso intuito, ao explorarmos como a ‘análise’ se apresenta nos textos de reportagem no período de reformulação do jornal O Povo em 2018, é observarmos a frequência, diminuição ou aumento dos recursos interpretativos no processo de transformação do veículo jornalístico. Para isso, construímos marcadores que serão avaliados na amostra por meio da análise de conteúdo.

Amplamente empregada nos vários ramos das ciências sociais empíricas, a análise de conteúdo revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (HERSCOVITZ, 2010)

A partir da entrevista semiestruturada (roteiro no apêndice A), selecionamos certos indicadores encontrados na fala dos entrevistados ao se referirem ao elemento ‘análise’. Além disso, propomos mais alguns marcadores de análise e interpretação jornalísticas segundo os autores já abordados neste trabalho. Essas variáveis é que irão demarcar a

presença ou ausência dos aspectos analíticos na reportagem, de maneira a ser verificada através da aplicação do instrumental de pesquisa.

**Quadro 4** — Indicadores de análise segundo os entrevistados

Indicador	Descrição	Citação
Certificação	A busca por detectar erros, desinformações e mentiras em uma reportagem.	“Na época, a gente discutia muito <i>fake news</i> , eu lembro que até o Marcelo Rech tem uma frase que ele dizia que ‘os jornais passaram a ser certificadores da realidade’. O que a gente precisava dizer é o que não era verdade, isso aconteceu ou não aconteceu?” (NADDAF, 2019)
Pontos de vista	Utilização do recurso do contraditório dentro texto, com a inserção de diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto.	“...política fazia isso muito bem, ainda faz. Ela tinha esse hábito de ter o ponto de vista, de enxergar duas pessoas como se fosse um confronto de ideias, pra explicar um assunto. Então, essa necessidade se tornou cada vez mais importante dentro de uma reportagem, essa questão da análise.” (NADDAF, 2019).
Explicitação	Inclusão de marcadores que explicitem que o conteúdo é analítico. Ex.: tags.	“...ou você tem um momento ali de análise mesmo, pra gente fazer a distinção realmente. Isso aqui é a notícia, isso aqui é a análise. É algo muito importante que a gente até, no projeto Credibilidade, do qual a gente faz parte, é o que eles chamam de ‘taggear’ o que é aquela notícia. Você precisa dizer ‘isso é uma notícia, isso é uma opinião, isso é sátira’, então é necessário.” (NADDAF, 2019).

Fonte: elaborado pela autora.

É perceptível que alguns pontos se repetem em ambas as classificações, como ‘pontos de vista’ e ‘explicitação’ mas foram unificados durante a elaboração do questionário e sua aplicação. No quadro abaixo, nos baseamos em indicativos concretos, capazes de serem examinados em contato com o material jornalístico, apontados pelos principais autores citados em nosso suporte teórico que tratam de análise e interpretação em jornalismo.

**Quadro 5** — Indicadores de análise segundo referencial teórico

Indicadores	Descrição	Autores
Explicação	Resposta ao ‘por quê’ do <i>lead</i> e explicações e/ou interpretações próprias do jornalista sem o apoio de declarações.	(SOONTJENS, 2018; GERSAMIA, 2012; SALGADO; STRÖMBACK, 2011; ASSIS, 2010)
Antecedentes/contexto	Apresentação de contexto ou fatos precedentes ao acontecimento.	(GERSAMIA, 2012; SEIXAS, 2009; LEANDRO; MEDINA, 1973)
Dados estatísticos	Incorporação de dados estatísticos na reportagem.	(GERSAMIA, 2012; DIAS ET AL., 1988)
Prognóstico/perspectivas	Inclusão de previsões e perspectivas a	(KAMZIN; SAUDBAYEV, 2014;

Indicadores	Descrição	Autores
	respeito do caso ou tema tratado.	GERSAMIA, 2012)
Pontos de vista	Presença de ideias e opiniões divergentes que favoreçam a interpretação do leitor.	(SILVA; KÜNSCH, 2015; KAMZIN; SAUDBAYEV, 2014; SEIXAS, 2009)
Linguagem	Utilização de adjetivos.	(SEIXAS, 2009)
Explicitação	Uso de rótulos e marcadores visuais para explicitar o caráter analítico do conteúdo.	(SALGADO; STRÖMBÄCK, 2011)

Fonte: elaborado pela autora.

Para construção da amostra, trabalhamos com três períodos temporais, a fim de contemplar o processo de reformulação do jornal O Povo, que correspondem ao mês imediatamente antes à reforma gráfico-editorial, apresentada no dia do aniversário de 90 anos do Grupo de Comunicação O Povo, 7 de janeiro de 2018; ao mês imediatamente depois (considerado como 31 dias corridos); e mais um intervalo de 31 dias exatamente um ano após o início da implementação da reforma. Dessa forma, o período 1 (P1) é constituído por edições publicadas entre os dias 06/12/2017 a 06/01/2018; já o período 2 (P2) pelas edições de 07/01/2018 a 07/02/2018 e o período 3 (P3) de 07/01/2019 a 07/02/2019. Em cada um dos conjuntos de edições verificamos a quantidade de reportagens presentes por meio da simples identificação visual deste tipo de conteúdo, ou seja, nos restringimos aos textos que se ‘autointitulam’ como reportagem pelo uso de um cabeçalho ou estampa que os identifiquem como tal.

Em P1 obtivemos um total de 11 reportagens com a identificação proposta, já em P2 o número subiu para 42 textos. Levamos em consideração que, provavelmente, não são todas as reportagens que entram em tal contagem, pois é possível que existam textos com características do formato reportagem, se levarmos em conta os princípios constituintes deste formato de produção. No entanto, para fins de objetividade, escolhemos a autointitulação em detrimento de um detalhamento acerca do conceito de reportagem, o qual não é objetivo desta pesquisa. Há de se ponderar, ainda, que o aumento do número de conteúdos com sinalizadores de reportagem é presumível devido ao novo projeto gráfico-editorial. Nesse sentido, devemos explicitar que o design da reformulação foi implantado pela primeira vez apenas na edição do dia 18/01/2018. No último período (P3) o número de reportagens com etiqueta se manteve próximo do intervalo anterior, com 36 matérias de reportagem.

Dentro desse *corpus* fizemos a seleção da amostragem de produtos a serem analisados mediante a subdivisão dos períodos em semanas, contendo quatro cada um.

Conseqüentemente, o P1 se dividiu em semana 1.1 (S1.1), composta das edições dos dias 06/12/2017 a 13/12/2017; semana 2.1 (S2.1) com o intervalo de 14/12/2017 a 21/12/2017; semana 3.1 (S3.1) dos dias 22/12/2017 a 29/12/2017; e semana 4.1 (S4.1) que compreende as datas de 30/12/2017 até 06/01/2018. O mesmo se repetiu com P2 e P3, divididos em quatro semanas, como mostra a tabela abaixo.

**Quadro 6** — Divisão da amostragem

Período	Semana	Datas
P1	S1.1	06/12/2017 a 13/12/2017
	S2.1	14/12/2017 a 21/12/2017
	S3.1	22/12/2017 a 29/12/2017
	S4.1	30/12/2017 a 06/01/2018
P2	S1.2	07/01/2018 a 14/01/2018
	S2.2	15/01/2018 a 22/01/2018
	S3.2	23/01/2018 a 30/01/2018
	S4.2	31/01/2018 a 07/02/2018
P3	S1.3	07/01/2019 a 14/01/2019
	S2.3	15/01/2019 a 22/01/2019
	S3.3	23/01/2019 a 30/01/2019
	S4.3	31/01/2018 a 07/02/2018

Fonte: elaborado pela autora.

Com a separação por semanas, pudemos realizar a seleção aleatória de uma reportagem para cada semana, que corresponde a quatro unidades por período e 12 no total. Determinadas as matérias, conseguimos aplicar o instrumento de pesquisa (ver apêndice B), que consiste em perguntas para verificação da presença ou ausência dos indicadores explicitados nos quadros 4 e 5. Para a S1.1 foi escolhida a matéria “O que esperar dos confrontos de 2018”, publicada na editoria Política em 10/12/2017; na semana S2.1 temos o

texto “Fim da neutralidade tem impacto no Brasil” com publicação na editoria Mundo em 17/12/2017; a reportagem selecionada para a S3.1 foi “O lixo como negócio rentável” da seção Economia do dia 24/12/2017; e na S4.1 também da Economia temos o texto “A força do empreendedorismo feminino”, publicada em 31/12/2017.

Em P2, a matéria da S1.2 foi “Equilíbrio fiscal deve ser foco do novo presidente”, de Economia, edição do dia 07/01/2018; da S2.2 foi selecionada a reportagem “A agonia de um ‘mar’ do sertão”, com publicação em 18/01/2018 e sem indicação de editoria; da S3.2 temos a edição do dia 25/01/2018 do especial “O julgamento de Lula”, também sem editoria indicada; e da S4.1 a reportagem “Os caminhos da crise penitenciária até os ataques”, sem sinalização de editoria, do dia 06/01/2019.

Já as quatro amostras de P3 foram: “Amigo do tempo”, na seção Vida e Arte do dia 13/01/2019, em S1.3; “Ceará tem quedas sucessivas de primeiras habilitações” da editoria Cidades, veiculada em 18/01/2019, em S2.3; “Guaidó se autointitula presidente e desafia Maduro na Venezuela”, sem sinalização de editoria, do dia 24/01/2019, em S3.3; “O pacote de medidas de Moro contra o crime”, veiculada em 05/02/2019 na editoria Política, em S4.3.

#### 4.2 Explorando os indicadores: percepções do teor analítico

**Quadro 7** — Indicadores por reportagem

DATA	REPORTAGEM	EDITORIA	INDICADORES
10/12/2017	O que esperar dos confrontos de 2018	Política	Explicação; Prognóstico; Pontos de vista; Linguagem
17/12/2017	Fim da neutralidade tem impacto no Brasil	Mundo	Contexto; Prognóstico; Linguagem
24/12/2017	O lixo como negócio rentável	Economia	Explicação; Contexto; Dados estatísticos; Prognóstico; Linguagem
31/12/2017	A força do empreendedorismo feminino	Economia	Explicação; Contexto; Dados estatísticos; Prognóstico e Linguagem
07/01/2018	Equilíbrio fiscal deve ser foco do novo presidente	Economia	Prognóstico; Pontos de vista; Linguagem
18/01/2018	A agonia de um 'mar do sertão'	Não indicada	Contexto; Dados estatísticos; Prognóstico; Linguagem
25/01/2018	Após condenação, Lula anuncia candidatura	Não indicada	Explicação; Contexto; Prognóstico; Pontos de vista; Linguagem e Explicação
06/01/2019	Os caminhos da crise penitenciária até os ataques	Não indicada	Explicação; Contexto; Dados estatísticos; Prognóstico; Linguagem
13/01/2019	Amigo do tempo	Vida e Arte	Explicação; Contexto; Linguagem

18/01/2019	Ceará tem quedas sucessivas de primeiras habilitações	Cidades	Explicação; Dados estatísticos; Prognóstico
24/01/2019	Guaidó se autointitula presidente e desafia Maduro na Venezuela	Não indicada	Explicação; Contexto; Prognóstico; Pontos de vista; Explicitação
05/02/2019	O pacote de medidas de Sergio Moro contra o crime	Política	Contexto; Prognóstico; Pontos de vista; Explicitação

Fonte: elaborado pela autora.

Os dados gerais encontrados (P1 + P2 + P3), em relação ao primeiro indicador proposto pela entrevista com Ana Naddaf, a **certificação**, respondem às perguntas ‘O texto busca detectar erros, desinformação ou mentiras?’ e ‘O texto separa verdade e mentira?’. Por meio da análise das reportagens, constatamos que nenhuma das unidades da amostra apresenta tal variável. Observamos, ainda, que em nenhum dos três períodos o jornalista apontou a existência de fatos enquanto verdade, mentira, boato, desinformação ou imprecisão.

Seguindo com os resultados generalizados, a respeito do indicador **pontos de vista**, comum à fala da entrevista e ao referencial bibliográfico, em resposta à questão ‘Apresenta ideias e opiniões claramente divergentes, favorecendo a interpretação do leitor?’, 58,3% (7) dos textos analisados não contemplam esse elemento, enquanto 41,7% (5) manifestam a diferença de opiniões e conceitos. Também comum aos dois quadros de indicadores, o índice de **explicitação**, que verifica a presença de marcadores explícitos de que o conteúdo é interpretativo/analítico, como rótulos ou sinalizadores visuais, se manifestou em apenas 25% (3) das reportagens. As etiquetas consideradas para este tópico foram: ‘análise’, ‘ensaio’ e ‘ponto de vista’.

A sinalização de **explicação**, que possui três perguntas referentes no questionário, exibiu um total de 66,7% (8) de matérias que respondem ao ‘por quê?’ do *lead*, mas apenas 8,3% (1) do total inicia o texto com essa resposta. Averiguamos também que 25% (3) das reportagens possuem textos do próprio jornalista com análises e interpretações próprias, sem o auxílio explícito de fontes de informação. Já no índice de **antecedentes/contexto**, 75% (9) das matérias dispõe de contextualização e exposição de fatos precedentes ao acontecimento. No que diz respeito à inserção de **dados estatísticos**, 58,3% (7) não contém bases e numerações estatísticas, ao mesmo tempo em que 41,7% (5) fazem uso dos dados.

Em 66,7% (8) das matérias o jornalista não traça um **prognóstico** ou lança uma perspectiva sobre o tema, no entanto, em 91,7% (11) dos textos a previsão para a ocorrência

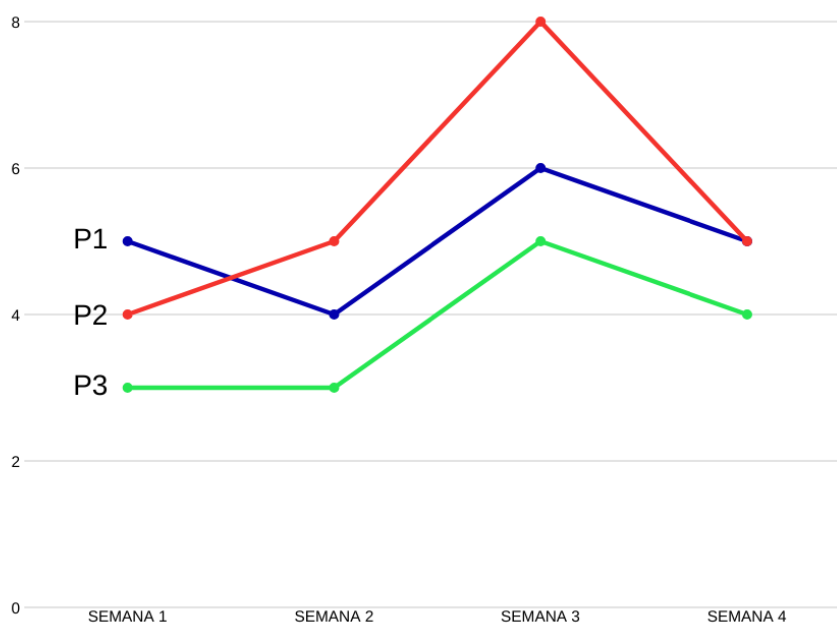
aparece através da fala de fontes especialistas. Enfim, acerca da **linguagem** interpretativa, observamos o uso de adjetivos em 75% das matérias.

O texto com maior número de indicadores é o “Após condenação, Lula anuncia candidatura”, publicado na segunda semana de P2, logo após a reformulação do jornal. A reportagem abrange a variável de explicação, contendo a resolução do ‘por quê?’ no primeiro parágrafo e exibindo textos analíticos de jornalistas e fontes especialistas. Além disso, transparece contexto, formulação de prognóstico, diferentes pontos de vista, utilização de adjetivos e explicitação de conteúdo analítico/interpretativo.

Nos períodos 1 e 2 os elementos de análise mais frequentes, em ambos os intervalos, foram: explicação, contexto, dados estatísticos, prognóstico por fontes especialistas e linguagem com adjetivos. Já no terceiro período os indicadores predominantes foram: explicação, contexto, prognóstico por fontes especialistas, pontos de vista e explicitação.

Apuramos que o período 2 foi o que mais demonstrou níveis de análise, com média de 5,5 indicadores por reportagem. O P1 obteve média de 5 indicadores por reportagem e o P3, com nível mais baixo, teve apenas 3,75.

**Gráfico 1** — Quantidade de indicadores na reportagem da semana



Fonte: os autores (2019)



Há de se levar em conta a temática das reportagens para observarmos o aumento e queda dos indicadores de análise nos três períodos. Conteúdo sobre política, por exemplo, presente em cada um das fases, apresentou quatro indicadores na primeira semana do P1 (explicação; prognóstico; pontos de vista; linguagem). Exceto a explicação, os mesmos se repetiram na primeira semana de P2. A presença de indicadores subiu na S3.2 com a grande reportagem sobre o julgamento do ex-presidente Lula, com o uso de 6 itens (explicação; contexto; prognóstico por fontes; pontos de vista; linguagem e explicitação). Já na S4.3 a reportagem sobre o pacote contra corrupção de Sergio Moro dispôs da quantidade média de 4 sinalizadores (contexto; prognóstico por fontes; pontos de vista; explicitação). A reformulação pode ser a causa do crescimento dos indicadores de análise nas reportagens do período 2, mas também se deve ponderar o fato político da semana, o qual independente da semana, pode requerer maior aprofundamento, de acordo com a visão editorial do veículo.

As reportagens sobre economia tiveram uma constante das mesmas variáveis (explicação; contexto; dados estatísticos; prognóstico por fontes e linguagem) e ambas foram selecionadas em P1. As matérias de temática internacional, em S1.1 e em S3.3, tiveram aumento de três (contexto; prognóstico; linguagem) para cinco (explicação; contexto; prognóstico por fontes; pontos de vista; explicitação) pontos do primeiro para último período. A grande reportagem sobre recursos hídricos em P2 se destacou na adjetivação, em uma abordagem quase literária. Seus indicadores foram: contexto; dados estatísticos; prognóstico; linguagem. Sobre segurança e sistema penitenciário, a reportagem ‘Os caminhos da crise penitenciária até os ataques’, também em P2, teve a presença dos de índices explicação; contexto; dados estatísticos; prognóstico por fontes; linguagem.

Em P3, a única matéria sobre cultura que analisamos não contou com a presença de muitos índices, mas apenas três (explicação; contexto; linguagem). Na segunda semana, a reportagem sobre mobilidade também contou com três indicadores (explicação; dados; prognóstico por fontes). Com a presença de mais indicadores nesse período, a temática internacional apresentou os índices de explicação; contexto; prognóstico por fontes; pontos de vista; explicitação.

Os indicadores com maior frequência em P1 foram explicação (75%), contexto (75%), prognóstico (100%) e linguagem (100%). Em P2 foram constantes os elementos de contexto (75%), prognóstico (100%) e linguagem (100%). E os que mais se repetiram em P3 foram explicação (75%), contexto (75%) e prognóstico (75%). Percebemos, desse modo, que em geral as reportagens se equipam dos indícios analíticos que explicam o fato, respondendo ao ‘por quê?’ e construindo textos explicativos com interpretações do próprio jornalista;

fornece contexto por elucidação dos acontecimentos anteriores e elaboram ou viabilizam previsões para o tema, considerando a opinião de especialistas. Ainda são índices sutis para as finalidades de busca por conhecimento e determinação da essência de um episódio.

A questão da certificação, que se decorreria do processo de disseminação de informação falsa na contemporaneidade e o impacto dessa prática no jornalismo, se mostrou ausente nas reportagens do jornal impresso. Em nenhum momento, entre as 12 unidades de amostra, o jornalista se debruçou a analisar os pontos de verdade ou mentira, ou mesmo a apontar boatos sobre determinado acontecimento. Assim, notamos que a verificação da informação ou a prática do *fact-checking* não se demonstrou uma preocupação para os repórteres da mídia impressa, pelo menos na construção da reportagem.

O elemento do contraditório, ou divergência de pontos de vista, que é comum ao jornalismo em geral, mas também relevante para a produção interpretativa foi também um tópico pouco explorado pelos repórteres. O problema dessa defasagem refere-se, no jornalismo em geral, a uma uniformidade discursiva que desconsidera o contraponto de determinada questão, mais presente no chamado ‘jornalismo declaratório’. No caso das propostas mais interpretativas, a falta de ideias expressivamente díspares não favorece a interpretação própria do leitor, pois o texto jornalístico não dispõe de ângulos diversos para a construção de uma análise.

Não julgamos que o uso de dados estatísticos em um texto possa, necessariamente, tornar um texto analítico ou interpretativo, no entanto, essa prática tende a trazer profundidade ao texto em circunstâncias nas quais o recurso estatístico traga maior noção do impacto de uma temática, riqueza de detalhes e/ou proximidade para o público-alvo. Esse é o tipo de variável que, sozinha, tem baixa expressão na sinalização do caráter analítico. Por exemplo, uma matéria baseada em números de relatórios pode ser construída com uma abordagem totalmente declaratória, porém, há também a possibilidade de trazer um repertório interpretativo acerca desses dados. Outro indicador que avaliamos com baixa expressão de maneira isolada seria a autoafirmação. É notório que apenas afirmar que um texto seria análise não o tornaria como tal.

Os elementos majoritários dos três períodos — explicação, contexto e prognóstico — têm um apelo maior à interpretação, principalmente unidos. Na explicação, o jornalista elenca razões para o acontecimento, podendo também elaborar análises com base em acontecimentos precedentes, o que corresponde à variável do contexto. A formulação de previsões, ainda, apresenta melhor assistência junto aos outros dois primeiros elementos.

Além disso, os prognósticos — no caso dos formulados sem auxílio de fontes — infere a capacidade do jornalista de examinar casos e propor soluções.

Avaliamos, dessa forma, que as reportagens do jornal O Povo possuem caráter analítico, em geral, mas não de forma flutuante em relação às mudanças do veículo, com a queda ou aumento do teor interpretativo das reportagens. A quantidade de reportagens subiu durante e após a reforma, contudo, observa-se a permanência dos seus elementos constitutivos de análise.

**Tabela 1** — Frequência por período

	P1	P2	P3
Certificação	0%	0%	0%
Explicação	75%	50%	75%
Contexto	75%	75%	75%
Dados estatísticos	50%	50%	25%
Prognóstico	100%	100%	75%
Pontos de vista	25%	50%	50%
Linguagem	100%	100%	25%
Explicitação	0%	25%	50%

Fonte: elaborado pela autora.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estilo descritivo ter cedido lugar para o crescimento do caráter interpretativo nos últimos anos é uma afirmação de pesquisas atuais na área (SOONTJENS, 2018; SALGADO; STRÖMBÄCK, 2011). Contudo, as explicações acerca das relações dessa realidade com as mudanças estruturais nos ambientes das redações ou com a hiperconcorrência das mídias não fundamentam a razão deste fenômeno, para além de indícios parciais a respeito dos desejos do consumidor contemporâneo e do posicionamento dos veículos impressos diante da velocidade da difusão de informações. Devemos entender, estudando movimentos de transformações que ainda se desenrolam no presente, até que ponto a prática jornalística vai se modificando. Se observamos segmentações, reformulações, inovações de caráter e motivações pontuais, pode-se inferir que o jornalismo segue estável em sua prática social. As mudanças estruturais, capazes de romper com paradigmas dominantes, são advindas de lentos processos, mas mais profundos e radicais na estrutura do sistema

profissional. No caso dessa pesquisa, há uma incapacidade de acompanhar um processo estrutural devido ao curto período analisado.

Todavia, o que se percebe, nessa onda de mutações nos veículos e de discussões sobre o lugar do jornal impresso no cenário jornalístico das novas rotinas de trabalho, é que há de se diferenciar o que são de fato as mudanças do discurso formulado sobre elas. Para as empresas jornalísticas, a pressão comercial e a queda de lucro é fator determinante para a criação de uma alternativa. Para os jornalistas, a desvalorização e a concorrência forçam a construção de narrativas de diferenciação profissional. Nesse sentido, a crescente de conteúdos aprofundados, interpretativos e analíticos, colocados enquanto recurso de transformação mostra-se mais como permanência que como mudança. Não é só a mutação de normas que denota a transição do jornalismo no decorrer dos anos, mas também a permanência de práticas já consolidadas e as adaptações de convenções que já existiam. Os recursos explicativos, contextuais e antecipativos, encontrados como majoritários nos três períodos do jornal O Povo, não podem ser colocados de maneira exclusiva ao gênero reportagem, ou às qualidades da interpretação. Ao contrário, nota-se que as fronteiras entre a descrição de fatos e a análise ainda não são bem definidas, a considerar os indicadores utilizados. E essa tenuidade, por sua vez, faz que os questionamentos em relação à finalidade interpretativa dos jornais impressos aumentem.

Além disso, com a quantidade de dados abastecidos pela prática jornalística atualmente e com os profissionais que constroem materiais jornalísticos a partir de base de dados, enfatizamos a necessidade da interpretação e das ponderações a respeito dessas informações, que uma vez publicadas com a perspectiva de análise, podem favorecer a democracia, determinar a relevância de causas e produzir conhecimento para a sociedade.

Esta pesquisa pode fornecer um novo olhar a jornalistas e pesquisadores acerca das práticas jornalísticas por meio dos componentes textuais que podem conferir teor interpretativo às análises produzidas por profissionais. Seria interessante, ainda, perceber o entendimento dos jornalistas que fazem análise e textos interpretativos acerca da sua construção textual, considerando também sua identidade profissional e rotinas de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Francisco de. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Alceu**, [s.i], v. 21, n. 11, p.16-33, dez. 2010.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976. 120 p.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.
- DIAS, Paulo da Rocha ET AL. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. In.: Congresso Brasileiro e Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. **Anais...** São Paulo: Intercom, 1998. o. 1-23.
- DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando. **Parágrafo**, [s.i], v. 4, n. 2, p.06-21, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478/445>>. Acesso em: 05 jun. 2019.
- FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ROCHA, Jordânia Bispo. O impresso em tempo de mudanças estruturais do jornalismo: estudo de caso do jornal O Popular. In: 14º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2016, Palhoça. **Anais do 14º Encontro da SBPJor**. Disponível em <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/83/125>>. Acesso em: 17 nov. 2019.
- FREIRE, Flora Leite. **As transformações nas rotinas produtivas das redações**: Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio. 2018. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- GERSAMIA, Mariam. Pattern of Journalistic Analysis in Media-Text: Major and Minor Elements. **Humanities And Social Sciences Review**, [s.i], v. 1, n. 2, p.253-263, 2012.
- GUERRA, João Cláudio de Santana. **Mudanças estruturais do jornalismo**: O caso do jornal A Gazeta ES. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 123-142. (Coleção Fazer Jornalismo).

KAMZIN, Kaken; SAUDBAYEV, Madiyar. The Role and Features of Analytical Journalism in Kazakh society in the Era of Social Media. **Asian Social Science**, [s.l.], v. 10, n. 15, p.55-62, 11 jul. 2014. Canadian Center of Science and Education. <http://dx.doi.org/10.5539/ass.v10n15p55>.

LEAL, Bruno Souza; JÁCOME, Phellipy; MANNA, Nuno. A “crise” do jornalismo: o que ela afirma e o que ela esquece. **Líbero**, São Paulo, v. 17, n. 34, p.145-154, jul./dez. 2014.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, [s.l.], v. 39, n. 1, p.39-56, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201613>.

NADDAF, ANA; GUIMARÃES, ERICK. Entrevista concedida a Ana Karolina Saldanha Silva, Marília Abreu e Edgard Patrício. Fortaleza, 17 abr. 2019.

O POVO. **Manual O POVO**: Para descobrir seu novo jornal. 2018. Disponível em: <<https://digital.opovo.com.br/manualopovo>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p.38-57, jan./jun. 2011.

REBOUÇAS, Edgard; CALDAS, Weber Krimse. Os jornais podem (e já começaram a) desaparecer. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2059-1.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2019.

SALGADO, Susana; STRÖMBÄCK, Jesper. Interpretive journalism: A review of concepts, operationalizations and key findings. **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.144-161, 11 nov. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1464884911427797>.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: Proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: Labcom, 2009. 463 p.

SILVA, Cilene Victor da; KÜNSCH, Dimas. A palavra que cura, a narrativa e o jornalismo interpretativo. **Líbero**, São Paulo, v. 18, n. 36, p.15-26, jul./dez. 2015.

SOONTJENS, Karolin. The Rise of Interpretive Journalism. **Journalism Studies**, [s.l.], v. 20, n. 7, p.952-971, 3 maio 2018. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/1461670x.2018.1467783>.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. **Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo**: diferenças que estabelecem diferenças. 2013. In: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/soster-piccinin-2013-jornalismo-diversional.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001. 542 p. In: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2019.

TANIKAWA, Miki. What Is News? What Is the Newspaper? The Physical, Functional, and Stylistic Transformation of Print Newspapers, 1988–2013. **International Journal Of Communication**, [s.i], v. 11, p.3519-3540, 2017. Disponível em: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/6809>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista com **Ana Naddaf**, diretora-executiva da redação do jornal O Povo e **Erick Guimarães**, diretor-adjunto da redação do jornal O Povo

**Data da entrevista** 04/04/2019

1. Quais os motivos que levaram à reforma gráfico-editorial do jornal O Povo? Por que fazer a reforma?
2. Quais as relações da reforma com a crise que o jornalismo, de modo geral, passa?
3. Qual foi o envolvimento da equipe interna do O Povo no processo da reforma?
4. Foi levada em consideração a opinião dos leitores, pelos diversos canais que o jornal oferece para interação?
5. A reforma do O Povo foi inspirada de alguma forma nos processos adotados por outros veículos, nacionais e/ou internacionais?
6. A formulação do pentágono foi pensada antes ou depois da reforma?
7. Explique cada um dos eixos do pentágono (furo, análise, síntese, conhecimento, prazer).
8. Como você avalia o processo de implantação da reforma?



## APÊNDICE B – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO		
INDICADOR	PERGUNTAS	R
CERTIFICAÇÃO	1) O texto busca detectar erros, desinformação ou mentiras?	SIM / NÃO
	2) O texto separa verdade e mentira?	SIM / NÃO
EXPLICAÇÃO	3) O texto responde ao ‘por quê?’ do lead? (SOONTJENS, 2018; GERSAMIA, 2012; SALGADO; STRÖMBACK, 2011; ASSIS, 2010; BARNHUST; MUTZ, 1997)	SIM / NÃO
	4) O ‘por quê’ é a primeira pergunta respondida no lead?	SIM / NÃO
	5) Há textos dentro da reportagem com explicações e/ou interpretações apresentadas pelo jornalista sem o apoio explícito de fatos ou declarações de fontes de notícia? (SALGADO; STRÖMBÄCK, 2011)	SIM / NÃO
CONTEXTO	6) A reportagem apresenta o contexto e/ou fatos precedentes do acontecimento? (GERSAMIA, 2012; SEIXAS, 2009; LEANDRO; MEDINA, 1973)	SIM / NÃO
DADOS ESTATÍSTICOS	7) Apresenta dados estatísticos? (GERSAMIA, 2012)	SIM / NÃO
PROGNÓSTICOS	8) O jornalista traça um prognóstico para o acontecimento? (KAMZIN; SAUDBAYEV, 2014; GERSAMIA, 2012)	SIM / NÃO
	9) O jornalista traz fontes especialistas que trazem prognósticos para o acontecimento?	SIM / NÃO
PONTOS DE VISTA	10) Apresenta ideias e opiniões claramente divergentes, favorecendo a interpretação do leitor? (SILVA; KÜNSCH, 2015; KAMZIN; SAUDBAYEV, 2014; SEIXAS, 2009)	SIM / NÃO
LINGUAGEM	11) O jornalista faz uso de adjetivos (excetuando fala de fontes)? (SEIXAS, 2009)	SIM / NÃO
EXPLICITAÇÃO	12) Há a presença de marcadores explícitos de que o conteúdo é interpretativo/analítico, como rótulos ou sinalizadores visuais? (SALGADO; STRÖMBÄCK, 2011)	SIM / NÃO